

O RURAL E O URBANO NO ESPÍRITO SANTO: REFLEXÕES SOBRE EFEITOS SOCIAIS NA CONCORDÂNCIA NOMINAL VARIÁVEL

Lays de Oliveira Joel Lopes¹
Maria Marta Pereira Scherre²

RESUMO: Este texto apresenta uma comparação entre resultados de Lopes (2014) e Silva (2011) para a análise da concordância nominal variável (as comidas típicas; essas mordomia toda). Lopes (2014) focaliza a fala rural de Santa Leopoldina/ES e Silva (2011), a fala de Vitória/ES. Verificamos discrepâncias e similaridades nos efeitos do sexo, faixa etária e anos de escolarização. As mulheres de Santa Leopoldina favorecem mais concordância do que as de Vitória e se alinham a resultados de falantes urbanos do Rio de Janeiro, de acordo com Scherre e Naro (2006), mas Vitória e Santa Leopoldina revelam fluxo de aquisição, com os mais novos apresentando mais concordância. Considerando que este fenômeno é estigmatizado, leopoldinenses e capixabas³ também indicam mais concordância em função de aumento da escolarização. Análises cruzadas entre faixa etária e sexo, e entre faixa etária e anos de escolarização na amostra leopoldinense, revelam que as mulheres e os falantes mais escolarizados estão à frente no processo aquisitivo. Concluimos que cruzamentos de variáveis podem revelar resultados ainda mais interessantes.

PALAVRAS-CHAVE: Variação Linguística, Concordância Nominal, Variáveis Sociais, Santa Leopoldina-ES, Vitória-ES.

ABSTRACT: This paper presents a comparison between Lopes's (2014) and Silva's (2011) results for the analysis of variable number concord inside the Noun Phrase, based on data of Portuguese spoken in the state of Espírito Santo (as comidas típicas – the.pl food.pl typical.pl – as comida típica – the.pl food.sg típica.sg – ‘the typical food’). Lopes (2014) focuses on rural speech of Santa Leopoldina, and Silva (2011), on the spoken language in Vitória, the capital. Our results present discrepancies and similarities in the effects of variables gender, age and years of schooling. With respect to gender, women in Santa Leopoldina show more concord than those in Vitória, aligning with results obtained for the spoken variety in Rio de Janeiro, according to Scherre and Naro (2006); however, with respect to age, Vitória and Santa Leopoldina indicate acquisition flows, with the younger people presenting more concord. Considering that lack of concord is stigmatized, leopoldinenses and capixabas also increase

¹ Secretaria de Estado da Educação (SEDU), doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Ufes, Vitória, Espírito Santo, Brasil. E-mail: laysjlopes@gmail.com.

² Programa de Pós-Graduação em Linguística, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Ufes, Vitória, Espírito Santo, Brasil. E-mail: mscherre@gmail.com.

³ Esclarecemos que, orientados pela nomenclatura gentílica do Instituto Brasileira de Geografia e Estatística (IBGE), utilizaremos os termos “leopoldinense” e “capixaba” para caracterizar os falantes de Santa Leopoldina e da capital Vitória, respectivamente.

concord as they increase the years of schooling. Cross-analysis of age and gender, and of age and years of schooling in Santa Leopoldina support the claim that women, younger people and people with more school attendance lead the acquisition process. We conclude that the crossing of variables can still reveal more interesting results.

KEYWORDS: Linguistic variation, Nominal concord, Social variables, Santa Leopoldina-ES, Vitória-ES.

Introdução

Este estudo baseia-se nos pressupostos estabelecidos por Labov (2008 [1972]), acerca da Teoria da Variação ou Sociolinguística Variacionista, que evidencia a íntima relação existente entre a língua e a comunidade em que seu uso se realiza. Assim, na concepção laboviana, a língua não pode ser analisada dissociada dos aspectos sociais dos falantes, visto que o uso linguístico é influenciado pelo social. Dessa forma, na análise linguística, devem ser considerados fatores linguísticos e extralinguísticos, de forma que não se despreze o perfil social do falante – sexo, faixa etária, escolaridade etc. De igual modo, é imprescindível, para o entendimento do fenômeno em análise, a observância dos valores e das regras sociais estabelecidas na comunidade.

Ainda de acordo com essa perspectiva, Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 104) destacam que a variabilidade dentro do sistema linguístico é algo inerente a língua. Sendo assim, um estudo desvinculado da observação de fatores sociais não se sustentaria. Contudo, os autores apontam que apenas compreender essa variação, sem sistematizá-la, é uma premissa frágil, visto que “é necessário lidar com os fatos de variabilidade com precisão suficiente para nos permitir incorporá-los em nossas análises linguísticas” (p. 107).

Em um estudo sobre a fala de Vitória, Silva (2011) utilizou 43 entrevistas sociolinguísticas⁴ extraídas do Projeto Português Falado da Cidade de Vitória – Portvix⁵ (YACOVENCO et al, 2009), coletadas nos anos 2000. Os falantes foram estratificados em função do sexo – feminino e masculino; faixa etária – 07-14, 15-25, 26-49, mais de 49 anos de idade; e anos de escolarização – 1-8 anos, ensino fundamental; 9-11 anos, mais de 11 anos - ensino médio⁶. Lopes (2014), por sua vez, analisou a fala de Santa Leopoldina-ES, com base

⁴ Ver detalhes sobre a situação de entrevista linguística em Labov (2006 [1966], p. 87-95; 2008 [1972], p.102-103).

⁵ O projeto PortVix conta com um total de 46 entrevistas linguísticas, nos termos de Labov (2006 [1996], p.87-95).

⁶ No período de coleta da amostra estava em vigência a segmentação seriada do ensino regular em Vitória/ES, em que o ensino fundamental dispunha de 08 anos de escolarização.

em uma amostra de 32 entrevistas sociolinguísticas, com duração de 50 a 60 minutos, realizadas entre 2011 e 2013, com o auxílio de um roteiro flexível de perguntas relacionadas ao cotidiano dos informantes. Com essa estratégia, o objetivo foi captar maximamente o vernáculo do falante, “o estilo em que se presta o mínimo de atenção ao monitoramento da fala” (LABOV, 2008 [1972], p. 244). Os informantes leopoldinenses foram estratificados em função do sexo e faixa etária, a partir da mesma subdivisão estabelecida no PortVix (YACOVENCO et. al, 2009). No que tange aos anos de escolarização, há uma diferença entre as amostras, uma vez que os falantes leopoldinenses foram organizados em: 1-4 anos, ensino fundamental I; 5-8 anos, ensino fundamental II. A esse respeito, falaremos adiante. Para seleção dos entrevistados, foram estabelecidos os seguintes critérios: o informante deveria ser (i) residente e trabalhador da região rural; (ii) não poderia ter se afastado por mais de um terço de suas vidas da comunidade; (iii) não deveria falar outra língua além do português brasileiro. Para o tratamento quantitativo dos dados, os dois estudos utilizaram o programa computacional GoldVarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE e SMITH, 2005).

A seguir, exemplificamos o fenômeno analisado, a concordância variável de número entre os elementos do sintagma nominal, por meio de dados retirados da amostra coletada no interior de Santa Leopoldina, com dois falantes que apresentam perfil social semelhante, excetuando-se o gênero: ambos transitam entre ausência e presença de concordância nas construções em itálico em (1) e (2).

(1) Entrevistador (E) – ainda bem que ele [filhote de pássaro] voou né? E foi atrás da mãe dele... não se perdeu.

Informante (Inf) – é... e lá em cima do terraço tá tudo cagado... eu tenho dó *dos bichinho*... porque tem vez eles bota *os ovinhos* e faz assim o ninho... porque lá em cima também tem *as casinha* que papai botou com bambu [init]... só que eu tenho pena que quando a mãe e o pai entra eles não toma cuidado e *os filhotinho* cai tudo pra baixo e morre... aí eles... eu tenho dó... [init]... quando tinha um eu sempre falava: ai mãe... pega esse passarinho! [a irmã diz: também um dia] é mamãe pegou... em vez de ela pegar e cavar um buraquinho para enterrar ela pegou e jogou o bichinho... eu falei: mãeeee! [risos]

(falante feminino, 1-4 anos de escolarização, 07 anos de idade)

(2) E – ah tá... e seu pai trabalha... sua mãe... sua família

Inf – [init] mexe com muda...e:: com *as verdura* [...]

E – hã...

Inf – e também é:: também é:: é:: *umas verduras*

E – é? e você come todo tipo de verdura?

Inf – tudo não [...]

E – e:: você faz alguma mais assim... além de... fora da escola o que você... ajuda seus pais... brinca... faz mais o quê?

Inf – ajudo *meus pais*... brinco... e *outras coisa*.

E – que outras coisas assim você gosta de fazer?

Inf – é:: tem vez que eu vou ajudar *meus tio* [init]

(falante masculino, 1-4 anos de escolarização, 11 anos de idade)

Nosso objetivo central, neste artigo, é apresentar um recorte das considerações sobre os efeitos das variáveis sociais sexo, faixa etária e anos de escolarização dos falantes, que constam da dissertação de mestrado de Lopes (2014), intitulada “A Concordância Nominal de Número no Português Falado na Zona Rural de Santa Leopoldina/ES”, em comparação com os resultados de Silva (2011), que estão no texto “Uma reflexão sobre a concordância nominal na fala capixaba e suas contribuições para o ensino de língua portuguesa”, com base em dados de Vitória, a capital do Espírito Santo.

A seguir, justificamos a escolha da coleta dos dados em Santa Leopoldina-ES e descrevemos algumas características das localidades em que vivem os falantes contactados nestes dois estudos.

Santa Leopoldina e Vitória: dados geográficos e a seleção das localidades

A escolha por Santa Leopoldina não foi aleatória, mas motivada pelas características da população local. De acordo com dados do Censo de 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Santa Leopoldina é o município do estado do Espírito Santo com maior percentual de habitantes em zona rural. Os dados indicam que 78,63% dos leopoldinenses residem na área rural. A partir dessas informações, foi iniciada em 2012 uma coleta de nossa amostra na região, por meio de um trabalho conjunto entre a primeira autora deste texto e Camila Candeias Foeger (cf. FOEGER; 2014; LOPES, 2014) para que comparações entre análises de fenômenos linguísticos variáveis pudessem ser feitas.

Sabendo que Silva (2011) apresentava alguns resultados sobre a variação da concordância nominal na capital Vitória, julgamos interessante observar o comportamento desse fenômeno em zona rural. Nosso objetivo era, com base nas considerações de Bortoni-Ricardo (1998), também refletir sobre o *continuum* rural e urbano, no estado do Espírito Santo. Nossa intenção, portanto, era a de contribuir para o mapeamento da fala capixaba.

É oportuno observar que Vitória é o único município capixaba que possui 100% de sua população em área urbana. Sendo assim, a partir desse estudo comparativo, podemos analisar

dois extremos capixabas no *continuum* rural e urbano. A importância de se apresentar um estudo comparativo é perceber como o fenômeno sob análise se realiza nas áreas citadas, tendo em vista que, de acordo com os pressupostos da Sociolinguística, o uso linguístico está estreitamente relacionado à comunidade de fala.

Notamos que Santa Leopoldina e Vitória são municípios que apresentam diferenças quanto à organização social. Contudo, no tocante à comunicação, consideramos que, atualmente, o acesso entre os municípios tem sido progressivamente facilitado⁷. Temos consciência de que mudanças no acesso à Região Serrana do estado promovem também a interação entre as falas realizadas em Santa Leopoldina e em Vitória, visto que o trânsito entre os falantes se torna menos difícil. Contudo, esclarecemos que obras de pavimentação são mais restritas ao perímetro urbano leopoldinense, ou seja, à Sede do município. Muitos dos falantes entrevistados destacam, além disso, que evitam a ida à Sede do município, assim como a Vitória. Isso se dá porque demonstram um sentimento de pertencimento ao lugar onde vivem, assinalando a paz e a tranquilidade como aspectos imprescindíveis para uma vida de qualidade.

É oportuno destacar que as amostras coletadas em Santa Leopoldina e Vitória não são diretamente comparáveis. No estudo de Lopes (2014) e Silva (2011), os falantes são estratificados em (i) sexo – feminino e masculino - e (ii) faixa etária – 07 -14, 15 -25, 26 – 49, mais de 49 anos. Contudo, no que se refere à escolaridade, há diferenças entre as amostras. A pesquisa de Silva (2011) conta com um total de 43 informantes, estratificados em ensino: fundamental, médio e superior e a pesquisa de Lopes (2014) conta com 32 falantes divididos entre ensino fundamental I e II⁸. Essa informação é necessária para que se compreenda que, embora focalizemos o efeito das três variáveis sociais citadas, a comparação será mais instigante quando abordarmos o efeito do sexo e a faixa etária.

O estudo da Concordância Nominal

⁷ Em 2009, concluiu-se o processo de reabilitação da Rodovia 080 – que liga Santa Leopoldina à Grande Vitória. Essa obra faz parte do Programa Rodoviário do Espírito Santo – BID II, que visa facilitar o escoamento de mercadorias vindas da zona rural para a Central de Abastecimento de Alimentos (Ceasa), localizada na zona urbana de Cariacica. A título de informação, ressaltamos que o Instituto Jones dos Santos Neves (IJSN) divulgou uma nota, em julho de 2016, destacando a previsão de obras que ligará Santa Leopoldina à Rodovia do Contorno, com o objetivo de facilitar ainda mais a comunicação entre Santa Leopoldina e a Região Metropolitana de Vitória.

⁸ A amostra de Santa Leopoldina conta com alguns informantes de ensino médio, mas essas entrevistas ainda carecem de transição e posterior codificação. Há poucas esperanças de encontrar falantes de nível superior na comunidade. Isso ocorre porque, no tempo em que permanecemos em campo, percebemos que os habitantes de zona rural com ensino superior são, em sua grande maioria, jovens. Assim, ficaria difícil ter uma amostra equilibrada, visto que contamos com falantes com idade superior a 49 anos. Além disso, esses informantes, geralmente, saem da comunidade para ter acesso à graduação – a maioria, inclusive, se dirige à região metropolitana de Vitória.

As pesquisas aqui referenciadas se restringem aos esforços de Lopes (2014) e Silva (2011). Contudo, as reflexões acerca do fenômeno de concordância nominal precedem essas abordagens. Citamos como estudo de referência o de Scherre (1988), que analisa o português falado no Rio de Janeiro, com dados de 64 informantes, participantes do Projeto Censo, atualmente intitulado Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL). Citamos ainda o trabalho de Scherre e Naro (2006), que apresenta análise de dados de três amostras, incluindo estudo de tendência e de painel, que tratam, respectivamente, de comparação de amostras de fala da comunidade em dois momentos distintos e de nova gravação de pessoas de uma mesma comunidade deslocada no tempo. O estudo conta, então, com três amostras com informantes do Rio de Janeiro: (1) amostra aleatória de 64 falantes gravados no início de 1980; (2) amostra aleatória de 32 informantes gravados no final dos anos 2000; (3) amostra não aleatória, com 16 falantes que já haviam sido entrevistados em 1980, com um intervalo médio de 18 anos entre as gravações.

Por certo há um vasto quantitativo de pesquisas que analisam o fenômeno da concordância plural entre os elementos do sintagma nominal. Citamos a pesquisa de Dias (1993), que analisa a variação na concordância nominal, tendo como foco o contraste entre o urbano e o rural em Brasília. Compreendemos, entretanto, que, embora essas e outras pesquisas apresentem contundentes reflexões acerca deste fenômeno, as discussões estão sempre em ebulição, o que é próprio da pesquisa científica e da natureza do ser humano. Consideramos oportuno explicitar que concordamos com Alkmim (2006, p.41), ao nos lembrar que

Toda língua é adequada à comunidade que a utiliza, é um sistema completo que permite a um povo exprimir o mundo físico e simbólico em que vive. É absolutamente impróprio dizer que há línguas pobres de vocabulário. Não existem sistemas imperfeitos.

Sendo assim, independentemente dos resultados encontrados, é interessante refletir como um determinado fenômeno se processa em uma certa comunidade, ainda que este já tenha sido estudado em outras localidades. Assinalamos que dados novos podem apresentar resultados singulares, apontar padrões variáveis ainda não observados, ou confirmar resultados anteriormente obtidos: assim a ciência caminha. A análise dos dados de Santa Leopoldina-ES é particularmente interessante por contribuir para a observação da regularidade macro da variação, especialmente no plano das variáveis linguísticas (cf. LOPES, 2014). Assim sendo, a depender do fenômeno em tela, estes resultados conduzem a discussões sobre a organização

dentro do aparente caos linguístico. Dessa forma, frisamos: os resultados obtidos, sejam de que natureza for, acrescentam grandes ganhos às análises linguísticas.

Este texto pretende refletir acerca dos efeitos as variáveis sociais, pela singularidade de alguns resultados, como teremos oportunidade de apresentar a seguir.

Resultados de variáveis sociais com dados de Vitória e de Santa Leopoldina

Apresentamos a seguir parte dos resultados obtidos nas amostras de Lopes (2014) e Silva (2011). A variável dependente analisada é a presença ou a ausência da marca de número em sintagmas nominais. O estudo baseou-se em uma análise atomística dos dados, que considera cada elemento do sintagma como um item a ser analisado, nos termos de Scherre (1988). Exemplificamos o fenômeno, em (3) e (4), com excertos das duas amostras ora em evidência, com os dados relevantes em itálico.

(3) E - você se considera um aluno nota dez?

Inf - aluno nota dez? não

E - não?

Inf - nove

E - a é?

Inf - porque assim... eu não go/eu faço *os deveres* sempre... faço deveres mostro *pros professores* (...) meu problema só é conversar (...)

(falante masculino, 1-4 anos de escolarização, 7-14 anos de idade)⁹

(4) Inf: Tem escola lá... mas eles vêm estudar aqui...

E: Talvez seja porque aqui é mais tranquilo... num sei...

Inf: É... eu acho que é...

E: Uhum... e... como são seus professores?

Inf: *meus professores* são legais... eles têm atenção *pros aluno*... quando você pergunta alguma coisa... eles sempre te responde...

E: Aham...

Inf: São bons...

E: É... e qual a sua matéria preferida?

Inf: Matemática...

E: É... por que matemática?

Inf: Eu gosto de fazer *as conta*... *esses negócio* assim... aí eu bem gosto...

(falante masculino, 5-8 anos de escolarização, 7-14 anos de idade)

Foram analisados 6313 dados de Santa Leopoldina e 9766 dados de Vitória, com percentuais de concordância de, respectivamente, 61,3% e 89,5%. Estes percentuais indicam

⁹ Dados retirados do trabalho de Silva (2011, p. 05), da fala de Vitória.

que o índice de concordância na zona urbana é maior que o observado na zona rural. Essa discrepância poderia ser atribuída à diferença entre o grau de escolarização dos entrevistados nas duas amostras, mas veremos mais à frente, ao tratarmos desta variável, que não é esta a razão. Nota-se também que o total de dados analisados na capital é superior ao da região leopoldinense. Isso se dá porque Silva (2011) contou com um total de 43 informantes, ao passo que Lopes (2014) dispôs de 32 entrevistas. Ressaltamos que essas diferenças não invalidam o paralelo entre as amostras, haja vista que lidamos também, e primordialmente, com percentuais e pesos relativos (doravante PR), que nos permitem estabelecer comparações mais adequadas (cf. GUY e ZILLES, 2007).

Vejamos na Tabela 1 os resultados da variável *sexo* nas duas localidades, os quais mostram que Santa Leopoldina e Vitória caminham em direções opostas.

Tabela 1
Efeito da variável sexo em relação à presença da concordância nominal:
Santa Leopoldina/ES Lopes (2014) e Vitória/ES (Silva, 2011)

Sexo	Santa Leopoldina		Vitória	
	Percentagem	PR	Percentagem	PR
Feminino	2223/3472=64,0%	0,54	4651/5359=86,8%	0,43
Masculino	1650/2841=58,1%	0,46	4093/4407=92,9%	0,58
Total	3873/6313= 61,3%		8744/9766=89,5%	
Range		08		15

Fonte: Lopes (2014, p. 102) e Silva (2011, p.12), com adaptações

Em Santa Leopoldina, embora com menor força (indicada pelo *range* de 08 pontos), as mulheres tendem a favorecer mais concordância (0,54) do que os homens (0,46). Em Vitória, são os homens que tendem a favorecer mais concordância (0,58), enquanto as mulheres tendem a desfavorecê-la (0,43). A respeito do papel do *range*, Tagliamonte (2009, p.242) afirma o seguinte:

A força [de uma variável] é medida pelo *range*, que é então comparado com os *ranges* dos outros grupos de fatores significativos. O *range* é calculado subtraindo-se o peso mais baixo do peso mais alto [no conjunto de pesos dos fatores de cada variável ou grupo de fatores]. Quando estes números são comparados para cada um dos grupos de fatores de uma análise, [a diferença de] número mais alto identifica a restrição mais forte. [a diferença de] número mais baixo identifica a restrição mais fraca (...). o *range*

(ou a magnitude do efeito) nos permite situar um grupo de fatores em relação a outro. Ele também pode ser usado para comparar a gramática variável dos traços linguísticos entre análises.¹⁰

Embora a diferença entre os índices revelados por homens e mulheres no interior de ambas as comunidades não apresentem efeitos polarizados, essa variável foi selecionada como estatisticamente significativa para a análise nas duas pesquisas. Esse fato também tem sido observado no processo de concordância verbal de terceira pessoa no português brasileiro, podendo até não ser estatisticamente significativo (cf. BENFICA, 2016, p. 70). No que se refere à comunidade leopoldinense, retomaremos essa discussão mais à frente ao abordarmos os cruzamentos de variáveis sociais.

É oportuno salientar que os resultados de Santa Leopoldina seguem a tendência observada nas amostras do Rio de Janeiro dos anos 80 e 2000, para a concordância nominal (cf. SCHERRE, 1998, p.445, 447; SCHERRE & NARO, 1997, p.107; LOPES, 2014, p. 149) e para a concordância verbal (NARO & SCHERRE, 2009, p.105), com as mulheres favorecendo mais concordância do que os homens. Cabe ressaltar que, pelo fato de a variação do fenômeno da concordância ser estigmatizada, espera-se, nos termos de Labov (1990, p.210-215), que as mulheres usem mais a variante de prestígio, a presença de concordância. A este respeito Silva (2011, p.12, 13) esclarece que:

O sexo/gênero do falante foi a variável que nos causou maior surpresa, embora seja a variável com menor diferença entre os efeitos expressos em termos de pesos relativos. Nossos resultados contrariaram não apenas nossas expectativas, mas, também, os verificados em Scherre e Naro (1997), que revelaram as mulheres mais sensíveis à realização da concordância nos elementos do sintagma nominal e, ainda, os princípios gerais postulados por William Labov (1990) [...] [Considerando] que a concordância nominal siga o parâmetro de mudança acima do nível de consciência (*change from above*) [...], as mulheres deveriam ter apresentado um índice de concordância nominal maior do que o verificado nos homens, o que não foi constatado em nossos resultados. [...] Não temos fatores contudentes que nos levem a afirmar a razão que ocasionou o resultado inverso do esperado em nossos resultados.

Silva (2011) assinala que Vitória parece ser uma comunidade muito peculiar, uma vez que esses resultados seguem a mesma tendência do observado por Benfica (2010) - que estuda dados da concordância verbal com a mesma amostra do PortVix (YACOVENCO *et al*, 2012).

¹⁰ No original: “Strength is measured by the ‘range’, which is then compared with the ranges of the other significant factor groups. The range is calculated by subtracting the lowest weight from highest factor weight. When these numbers are compared for each of the factor groups in an analysis, the highest (i.e. range) number identifies the strongest constraint. The lowest number identifies the weakest constraint, and so forth. The range (or magnitude of effect) enables you to situate factor groups with respect to each other. It can also be used to compare the variable grammar of linguistic features across analyses.” (TAGLIAMONTE, 2009, p. 242).

Assim, nas duas pesquisas, Silva (2011) e Benfica (2010), as mulheres capixabas utilizam menos concordância do que os homens, seja quanto à concordância nominal, seja quanto à verbal. Observamos, todavia, que os resultados da concordância verbal relatados por Benfica (2010) não contavam ainda com dados dos falantes de 9-11 anos de escolarização e que, com a análise de todos os dados da amostra PortVix, a variável sexo não apresentou significância estatística (cf. BENFICA, 2016, p.68), o que revela, mais uma vez, que o papel desta variável em Vitória merece tratamento mais minucioso no futuro.

Concluimos, portanto, que os resultados da amostra da zona rural com relação à variável sexo se aproximam de estudos anteriores realizados em zonas urbanas, como é o caso das pesquisas de Scherre e Naro, no Rio de Janeiro. Embora os dados de Vitória sejam diferentes dos esperados, não há ainda interpretação segura a seu respeito. Seu entendimento requer uma análise futura criteriosa da comunidade de Vitória. Quanto ao efeito da variável faixa etária para a amostra como um todo, notamos que Santa Leopoldina e Vitória seguem a mesma tendência. Observe, na tabela 2, os resultados obtidos para a faixa etária.

Tabela 2
Efeito da variável faixa em relação à presença da concordância nominal:
Santa Leopoldina/ES (LOPES, 2014) e Vitória/ES (SILVA, 2011)

Faixa etária	Santa Leopoldina		Vitória	
	Porcentagem	PR	Porcentagem	PR
7-14 anos	872/1355=64,4%	0,59	803/ 835=96,2%	0,84
15-25 anos	933/1432=65,2%	0,55	3411/3643=93,6%	0,61
26-49 anos	958/1618=59,2%	0,45	2184/2468=88,5%	0,38
Mais de 49 anos	1110/1908=58,2%	0,44	2346/2820=83,2%	0,34
Total	3873/6313= 61,3%		8744/9766=89,5%	
Range		15		50

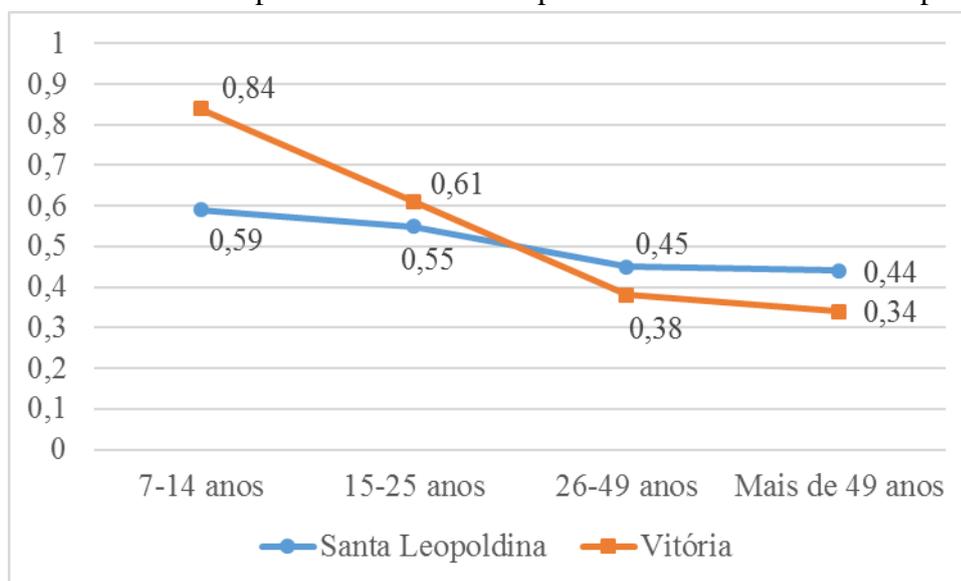
Fonte: Lopes (2014, p. 100) e Silva (2011, p.8-9), com adaptações.

Como apontado por Naro & Scherre (2013) para a amostra do Rio de Janeiro da década de 2000, embora com menos regularidade, os resultados da Tabela 2 e do Gráfico 1 apontam para um processo de aquisição de concordância nas faixas mais jovens, tanto na zona rural quanto na urbana. Essa inferência se baseia nos valores dos pesos relativos inversamente

proporcionais à idade dos falantes. Nota-se que as linhas indicadoras dos índices de presença de concordância para as duas localidades seguem a mesma tendência. Indicam um aumento progressivo da taxa de marcação dos mais jovens – o que pode ser observado mais claramente analisando o gráfico da direita para esquerda. Entretanto, no que tange a força de restrição dessa variável, indicada pelo *range*, conclui-se que, em Vitória, a variável faixa etária opera de uma maneira mais polarizada.

Gráfico 1

Comparação entre o efeito da variável faixa etária em relação à presença da concordância nominal em Santa Leopoldina e em Vitória: pesos relativos em análises separadas



Como foi observado na tabela 1, os *ranges* para a variável sexo, em Santa Leopoldina e em Vitória, são de 08 e 15 pontos, respectivamente. Observando os *ranges* da faixa etária, temos diferenças de 15 e 50 pontos para os dados da zona rural e urbana, nessa ordem. Isso nos permite observar que o efeito da faixa etária é mais proeminente que o da variável sexo nessas duas amostras. Enfatizamos que, nas diversas etapas de análise dos dados, todas as variáveis sociais – sexo, faixa etária e anos de escolarização - foram sempre consideradas estatisticamente significativas pelo programa GoldVarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE e SMITH, 2005). Isso sinaliza que seu efeito não tem caráter aleatório ou, em outras palavras, é estatisticamente significativo, com nível de significância de 0,05, arbitrado no modelo de regressão múltipla, subjacente ao programa computacional da série Varbrul (cf. SANKOFF, 1988, p.984-997; GUY e ZILLES, 2007, p.85-97; SCHERRE e NARO, 2003, p.168-175). Na busca de um maior entendimento dos fatos, realizamos um cruzamento entre as variáveis sexo e faixa etária para os dados de Santa Leopoldina, como consta na Tabela 3.

Tabela 3

Efeito do cruzamento das variáveis sexo e faixa etária sobre a presença da concordância nominal em dados da zona rural de Santa Leopoldina/ES em uma mesma etapa de análise

Faixa etária	Feminino		Masculino	
	Percentagem	P.R	Percentagem	P.R
7-14	537/762=70,5%	0,72	335/593 = 56,5%	0,46
15-25	675/900=75,0%	0,72	258/532 = 48,5%	0,21
26-49	532/890=59,8 %	0,46	426/728 = 58,5%	0,48
> 49	479/920=52,1%	0,29	631/988 = 63,9%	0,57
Total	3873/6313 = 61,3%			
Range	51			

Fonte: Tabela 8, de Lopes (2014, p. 105), com adaptações.

O cruzamento entre as variáveis sexo e faixa etária evidenciou um aumento significativo no *range*, que atinge 51 pontos (0,72-0,21). Assim, concluímos que o cruzamento aponta maior força de restrição¹¹. O fato mais interessante a ser destacado, com base nos resultados do cruzamento apresentado na Tabela 3, é que os dados das mulheres apontam aumento de concordância nítido nas faixas mais jovens, um padrão de aquisição, enquanto os homens apontam um padrão de diminuição – inversamente proporcional à idade do falante, ou seja, tomando como referência dos mais velhos para os mais jovens - até a faixa de 15-25 anos, com indicativo de retomada da presença concordância na faixa de 7-14 anos.

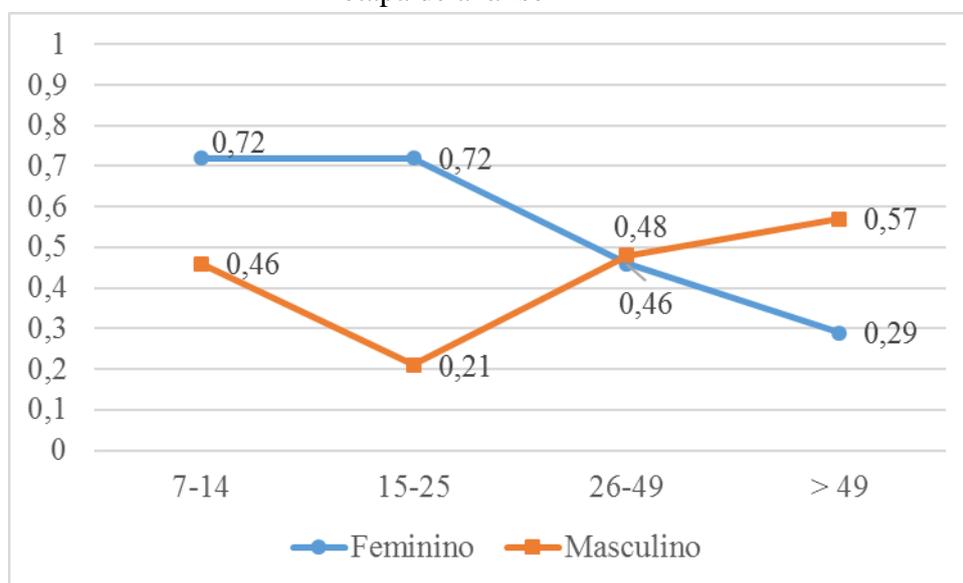
Nota-se que esses resultados indicam fluxos diferentes na fala dos homens e das mulheres e apontam que as mulheres possam estar à frente dos homens, como previsto por Labov (2001, p. 279), que apresenta evidências de que as mulheres tendem a estar uma geração à frente dos homens nos processos de mudança. É válido esclarecer que, ao estabelecer essa ponderação, Labov (2001, p. 279) refere-se a fenômenos abaixo do nível da consciência.

¹¹ Destacamos que essa etapa de análise nos permite algumas conjecturas, com cautela, tendo em vista que, embora com seleção estatística, não há convergência nos resultados entre os fatos observados e o modelo projetado, na etapa que contém os melhores pesos atribuídos aos fatores dos diversos grupos de fatores (cf. GUY & ZILLES, 2007, p.238).

Aplicando essa premissa a nossos resultados, isto implicaria considerar que as pessoas da área rural não têm percepção variação da concordância nem a discutem publicamente. Dessa forma, futuramente, é fundamental buscarmos indícios nas falas dos leopoldinenses que revelem ser este fenômeno variável abaixo da consciência da comunidade leopoldinense (*change from below*), nos termos de Labov (1994, p.78). Apresentamos os pesos relativos desse cruzamento no Gráfico 2:

Gráfico 2

Efeito do cruzamento das variáveis sexo e faixa etária sobre a presença da concordância nominal em dados da zona rural de Santa Leopoldina/ES: pesos relativos em uma mesma etapa de análise



Nas duas faixas mais velhas as mulheres tendem a usar menos concordância, mas, nas duas faixas mais jovens este quadro se inverte, com usos de mais concordância nominal. Notamos que os resultados obtidos para dados das mulheres na amostra de Santa Leopoldina são semelhantes aos que Naro e Scherre (2009, p.120) encontram para dados das mulheres do Rio de Janeiro, na amostra da primeira década de 2000, com relação à concordância verbal, com as mulheres mais jovens revelando padrão aquisitivo, e os homens não. Naro e Scherre (2013) retomam a análise de variável faixa etária das amostras de 80 e 2000 do Rio de Janeiro, com relação à concordância nominal e verbal. Ponderam que os resultados obtidos permitem observar a predição de Naro (1981) de que processos aquisitivos na fala de pessoas com mais contato com valores da classe média poderiam, no futuro, se difundirem para a fala da comunidade e que o modelo de fluxos e contrafluxos, nos termos de Naro & Scherre (1991), se mostra interessante para discutir movimentos linguísticos em direções diversas e/ou opostas.

Relembramos que Labov (2001, p.279) apresenta evidências de que, nos processos de mudanças, as mulheres costumam estar uma geração à frente dos homens. O avanço de nossas pesquisas nos permitirá voltar a estas questões, e avançar nas discussões. Outra hipótese para reflexões sobre estes resultados, também oriunda da análise do contexto da comunidade, é o contato da mulher com a mídia. Prática comum nas residências leopoldinenses é a presença de um rádio na cozinha embalando os serviços domésticos realizados pelas mulheres. Sendo assim, cremos que o fato de as mulheres mais jovens terem índices de concordância mais elevados que os homens da mesma faixa etária pode se dar também pelo contato com a mídia.

Quanto à escolaridade (Tabela 04), observamos que, nas duas amostras, como esperado, os índices de concordância aumentam progressivamente em função do maior acesso à educação regular.

Tabela 4

Efeito da variável anos de escolarização sobre a presença da concordância nominal: Santa Leopoldina/ES (LOPES, 2014) e Vitória/ES (SILVA, 2011) em etapas de análise separadas

Anos de escolarização	Santa Leopoldina		Vitória	
	Percentagem	P.R	Percentagem	P.R
1-4 anos	1727/2934= 58,9%	0,46	3063/3613= 84,0%	0,32
5-8 anos	2146/3379= 63,5%	0,53		
9-11 aos	---	---	2330/2547= 91,5%	0,54
> de 11 anos	---	---	3378/3606= 93,7%	0,65
Total	3873/6313= 61.3%		8744/9766=89,5%	
Range		07		33

Fonte: Tabela 7, de Lopes (2014, p. 103) e Tabela 2, de Silva (2011, p. 10), com adaptações.

Como assinalado anteriormente, as amostras leopoldinense e capixaba estão organizadas de forma diferente quanto a essa variável. Isso se dá porque, até o momento, os resultados leopoldinenses contam apenas com informantes que cursam ou já cursaram o ensino fundamental I e II. Os falantes da capital foram agrupados em ensino fundamental, médio e superior. Na Tabela 4, apresentamos uma tentativa de comparação entre os resultados obtidos nas duas localidades. Quanto ao *range*, vemos que o efeito da variável escolaridade é maior em

Vitória, com 33 pontos, do que na zona rural, com 07 pontos. A diferença mais expressiva na capital capixaba justifica-se pelo distanciamento entre os níveis de escolaridade dos falantes entrevistados, uma vez que a amostra conta com informantes com o fundamental, médio e superior. Todavia, os resultados de Santa Leopoldina não fogem da hierarquia esperada. Nos dados dos dois municípios, percentagens e pesos relativos se organizam em ordem crescente. Assim, escolaridade e taxas de concordância são diretamente proporcionais: quanto mais anos de escolarização mais concordância, quanto menos escolarização menos concordância, um reflexo dos processos de letramento de forma mais ampla.

É importante lembrar que as variáveis sociais sexo e anos de escolarização em Santa Leopoldina, mesmo com *ranges* relativamente baixos, foram selecionadas pelo programa computacional GoldVarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE e SMITH, 2005), com nível de significância abaixo de 0,05. A este respeito, as palavras de Sankoff (1988, p. 991), com grifos nossos, são esclarecedoras:

[...] como podemos distinguir aqueles fatores que têm um efeito real daqueles cuja contribuição aparente é apenas um artefato de uma amostra particular de dados? Isto não pode ser respondido com base na magnitude relativa dos efeitos, uma vez que efeitos fortes baseados em poucos dados são frequentemente ilusórios, enquanto alguns efeitos reais podem ser bem pequenos em magnitude. O critério pertinente de validade na estatística é o *nível de significância*¹².

Com o objetivo de ampliar nossas reflexões, o procedimento de cruzamento de variáveis adotado com faixa etária e sexo foi repetido para a escolaridade. Elaboramos uma etapa de análise cruzada entre anos de escolarização e faixa etária, apresentada na tabela 5 e no gráfico 3, de forma a perceber a relação existente entre a atuação dessas variáveis na comunidade. Observa-se que a faixa etária figura com maior destaque nas rodadas de cruzamento por ser a variável com maior peso relativo entre os grupos de fatores sociais. O *range* desse novo cruzamento é de 43 pontos. Assim, a faixa etária e escolaridade evidenciam maior força quando cruzadas – como pode ser observado mais claramente no Gráfico 3, em que apresentamos os pesos relativos obtidos nessa rodada.

Nota-se que o comportamento dos falantes do ensino fundamental I indica um processo de variação estável, visto que os pesos relativos da primeira e última faixa etária são similares.

¹² No original: “How, then can we distinguish those factors which have a genuine effect from those whose apparent contribution is na artifact of the particular data sample? This cannot be answered on the basis of the relative size of the effects, since large effects based on few data are often illusory, while some very real effects just happen to be small in magnitude. The pertinent criterion of validity in statistics is the *level of significance*” Sankoff (1988, p. 991).

Em contrapartida, os índices dos falantes do fundamental II apontam um processo de perda de concordância da faixa de mais de 49 anos (0,48) para a de 26-49 anos (0,33) e outro de aquisição, a partir da faixa de 15-25 anos (0,55 e 0,76), uma vez que leopoldinenses mais jovens tendem a fazer mais concordância plural do que os mais velhos (Tabela 2).

Tabela 5

Efeito do cruzamento das variáveis anos de escolarização e faixa etária sobre a presença da concordância nominal em dados da zona rural de Santa Leopoldina/ES em uma mesma etapa de análise

Faixa etária	1-4 anos de escolarização		5-8 anos de escolarização	
	Percentagem	P.R	Percentagem	P.R
7-14	319/640=49,8%	0,34	553/715=77,3%	0,76
15-25	233/343=67,9%	0,64	700/1089=64,3%	0,55
26-49	680/1102=61,7 %	0,49	278/516=53,9%	0,32
> 49	495/849=58,3%	0,40	278/516=58,1%	0,48
Total	3873/6313 = 61,3%			
Range	43			

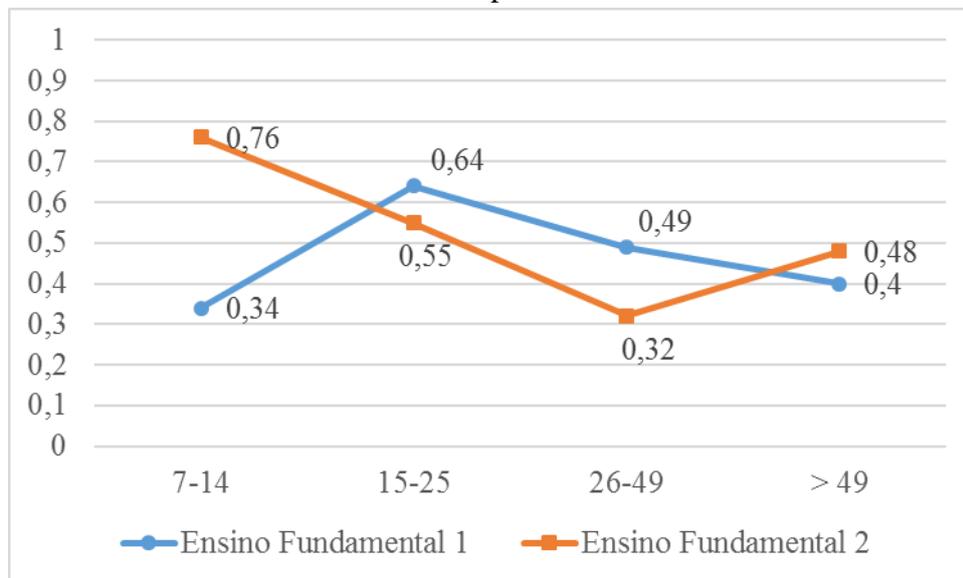
Fonte: Tabela 9, de Lopes (2014, p. 109), com adaptações.

Direcionando nossa atenção apenas aos informantes de 07-14 anos, vemos que o letramento parece atuar com grande efeito sobre essa faixa etária no fundamental II, com favorecimento da presença de concordância (peso relativo de 0,76), mas desfavorecimento no fundamental I (peso relativo de 0,34). Interpretamos o índice relativamente baixo dos falantes no primeiro ciclo do fundamental I ao contato com o novo, uma vez que estão ainda se habituando ao ensino regular. Por outro lado, os falantes de 07-14 anos do ciclo II estão inseridos na rotina estudantil há algum tempo, o que nos permite perceber os efeitos do contato diário com o processo de letramento promovido pela escola, em direção à variante de prestígio, explicitado pela comunidade urbana mais ampla e pela escola, que é a presença de concordância¹³.

¹³ É interessante ver Silva (2011), Scherre e Naro (2014) e Benfica (2016), por exemplo, a propósito da polêmica em torno do livro didático *Por uma vida melhor*, que revela com clareza o padrão de prestígio de presença da concordância em áreas urbanas.

Gráfico 3

Efeito do cruzamento das variáveis anos de escolarização e faixa etária sobre a presença de concordância nominal, em pesos relativos, em uma mesma etapa de análise: dados da zona rural de Santa Leopoldina/ES



Paralelamente a esses resultados, o comportamento dos falantes das demais faixas etárias não aponta grandes discrepâncias. Embora, nas faixas etárias intermediárias, os falantes do fundamental I utilizem mais concordância (0,64 e 0,49) que os do II (0,55 e 0,32), opondo-se à nossa hipótese inicial de que os falantes menos escolarizados marcariam menos o plural, notamos que os índices são menos distanciados do que os da primeira faixa etária (0,34 e 0,76).

Considerações Finais

Com base no exposto, concluímos que as amostras de Santa Leopoldina e Vitória apresentam aspectos convergentes e divergentes. Isso pode ser atribuído às características singulares dessas regiões. Este texto exhibe a importância de se compreender os acordos sociais internalizados nas comunidades sob análise. Considerando que tratamos de regiões diferentes quanto a sua natureza, ou seja, *rural* e *urbano*, a premissa do *continuum rural-urbano* estabelecida por Bortoni-Ricardo (1988) é em parte aplicada. Segundo a linguista, no português brasileiro, operam três *continua*: rural-urbano, oralidade-letramento e monitoração estilística. No que se refere ao *continuum* rural-urbano, Bortoni-Ricardo (1998, p.102) destaca que há duas regras variáveis aplicadas aos fenômenos linguísticos

regras que definem uma estratificação “descontínua” e que caracterizam as variedades regionais e sociais isoladas, recebendo maior grau de estigmatização na sociedade urbana hegemônica, e regras graduais, que definem uma estratificação “contínua” e estão presentes no repertório de praticamente todos os brasileiros, dependendo apenas do grau de formalidade que conferem a fala.

Tendo em vista essas considerações, concluímos que o processo de concordância nominal de número se encontra em um ponto limítrofe entre a estratificação “descontínua” e “contínua”. A ausência da concordância plural é notadamente um fenômeno estigmatizado pela sociedade urbana hegemônica – traço descontínuo. Contudo, concomitantemente, a ausência de concordância plural é perceptível na fala de praticamente todos os brasileiros, em função do grau de monitoração conferido à fala – traço contínuo, ainda não abordado em nossa pesquisa.

Essa hipótese respalda-se nos resultados das comunidades de Santa Leopoldina e de Vitória evidenciados neste estudo. Os resultados apontam que, em diferentes graus, habitantes da zona rural e urbana transitam pela presença e a ausência de concordância. Por certo, ambos os municípios possuem particularidades, que condicionam a configuração dos índices de marcação observados. Diante disso, uma análise ainda mais minuciosa dos dados é imprescindível, posto que, mesmo dentro de uma mesma comunidade, os falantes podem ter comportamentos diferentes. Em Santa Leopoldina, os cruzamentos entre as variáveis sociais indicam que não há um movimento único e plenamente consolidado que desnude o comportamento de homens, mulheres, jovens, velhos, escolarizados ou não. Constatamos que essas categorias estão entrelaçadas na realização do fenômeno estudado.

Temos consciência de que nossas considerações não encerram as discussões sobre o tema proposto. Esclarecemos que não foi nosso objetivo elaborar respostas fechadas sobre a concordância nominal de número e sua relação com o *continuum* rural x urbano, ou, ainda, sobre as comunidades aqui analisadas. Nossa intenção foi suscitar a reflexão acerca desse objeto de estudo, evidenciando a contemporaneidade dessas discussões

Referências

- ALKMIN, T. Sociolinguística. Parte 1. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (Org.). *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*, v.1. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2006. Cap. 1, p. 21-47.
- BENFICA, S. A. *Concordância verbal na fala capixaba: fatores sociais*. 2010. VIII Semana de Letras. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo.

_____. *Concordância verbal na fala de Vitória*. 2016. 111 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade de Federal do Espírito Santo, Vitória.

BORTONI- RICARDO, S. M. A análise do português brasileiro em três continua: o continuum rural-urbano, o continuum de oralidade-letramento e o continuum de monitoração estilística. In: GROBE, S.; ZIMMERMANN, K. <<Substandard>> e Mudança no Português do Brasil. ed. Frankfurt am Main : TFM, 1998, p. 101-118.

DIAS, M. C. A. C. *A variação na concordância nominal: um contraste entre o urbano e o rural na fala brasiliense*. 1993. 178 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília.

FOEGER, C. C. *A Primeira pessoa do plural no português falado em Santa Leopoldina/ES*. 2014. 159 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade de Federal do Espírito Santo, Vitória.

GUY, G. R.; ZILLES, A. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola, 2007.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo Demográfico: 2010 – Cidades: Santa Leopoldina*. Disponível em: www.ibge.gov.br. Acesso em: 30/03/2017.

INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES. *Biblioteca Online*. Disponível em: www.ijsn.es.gov.br/. Acesso em: 30/03/2017.

LABOV, W. *The social stratification of English in New York City*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006 [1996].

_____. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

_____. *Principles of linguistic change - Internal factors*. Oxford: Wiley-Blackwell, 1994.

_____. *Principles of linguistic change - Social factors*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2001.

LOPES, L. O. J. *A Concordância Nominal de Número no Português Falado na Zona Rural de Santa Leopoldina/ES*. 2014. 200f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade de Federal do Espírito Santo, Vitória.

NARO, A. J. The social and structural dimensions of a syntactic change. *Language*. v. 57, n.1, p. 63-98, 1981.

_____; SCHERRE, M. M. P. Variação e Mudança Linguística: Fluxos e Contrafluxos na Comunidade de Fala. In: SILVA, G. M. O. & TARALLO, F. (Orgs.) *Cadernos de Estudos Linguísticos 20*. Campinas, UNICAMP/IEL. 1991. p. 9-16.

_____. Aquisição de formas de prestígio: o papel do gênero em tempo real In: MEIRA, Vivian (org.) *Português Brasileiro: Estudos Funcionalistas e Sociolinguísticos*. Salvador: EDUNEB, 2009, p. 101-124.

_____. Remodeling the age variable. *Language variation and change*, 2013, v.25, nº 1, p. 1-15.

SANKOFF, D. Variable rules. In: AMMON, U.; DITTMAR, N. & MATTHEIER, K. J. (eds.). *Sociolinguistics - An international handbook of the science of language and society*. Berlin/New York, Walter de Gruyter. 1988. p. 984-998.

_____.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. *Goldvarb X - A multivariate analysis application*. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005. Disponível em: http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV_index.htm#ref. Acesso em: 20/12/2012.

SCHERRE, M. M. P. *Reanálise da concordância nominal em português*. 1998, 555 f. (em dois volumes). Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro.

_____. Variação da concordância nominal no português do Brasil: influência das variáveis posição, classe gramatical e marcas precedentes. In: GROBE, S.; ZIMMERMANN, K. <<Substandard>> e Mudança no Português do Brasil. ed. Frankfurt am Main: TFM, 1998. p. 153-188.

_____.; NARO, A. J. A concordância de número no português do Brasil – um caso típico de variação inerente. In: HORA Dermeval da (org.). *Diversidade linguística no Brasil*. João Pessoa: Idéia. 1997, p.93-114.

_____.; _____. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.). *Introdução à Sociolinguística - o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 147-178.

_____.; _____. Mudança sem mudança: a concordância de número no português brasileiro. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 9, nº 18, p. 107-129, 2006.

SILVA, J. B. *Uma reflexão sobre a concordância nominal na fala capixaba e suas contribuições para o ensino de língua portuguesa*. 2011. 25 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Ufes, Vitória.

TAGLIAMONTE, S. A. *Analysing Sociolinguistic Variation: key topics in sociolinguistic*. 3ª ed. New York: Cambridge University Press, 2009.

YACOVENCO, L. C. et. al. Projeto Portvix: a fala de vitória/es em cena. *Alfa: Revista de Linguística (UNESP. Online)*, v. 56, p. 771-806, 2012.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].